

CATÁLOGO

# GUILHERMINA AUGUSTI

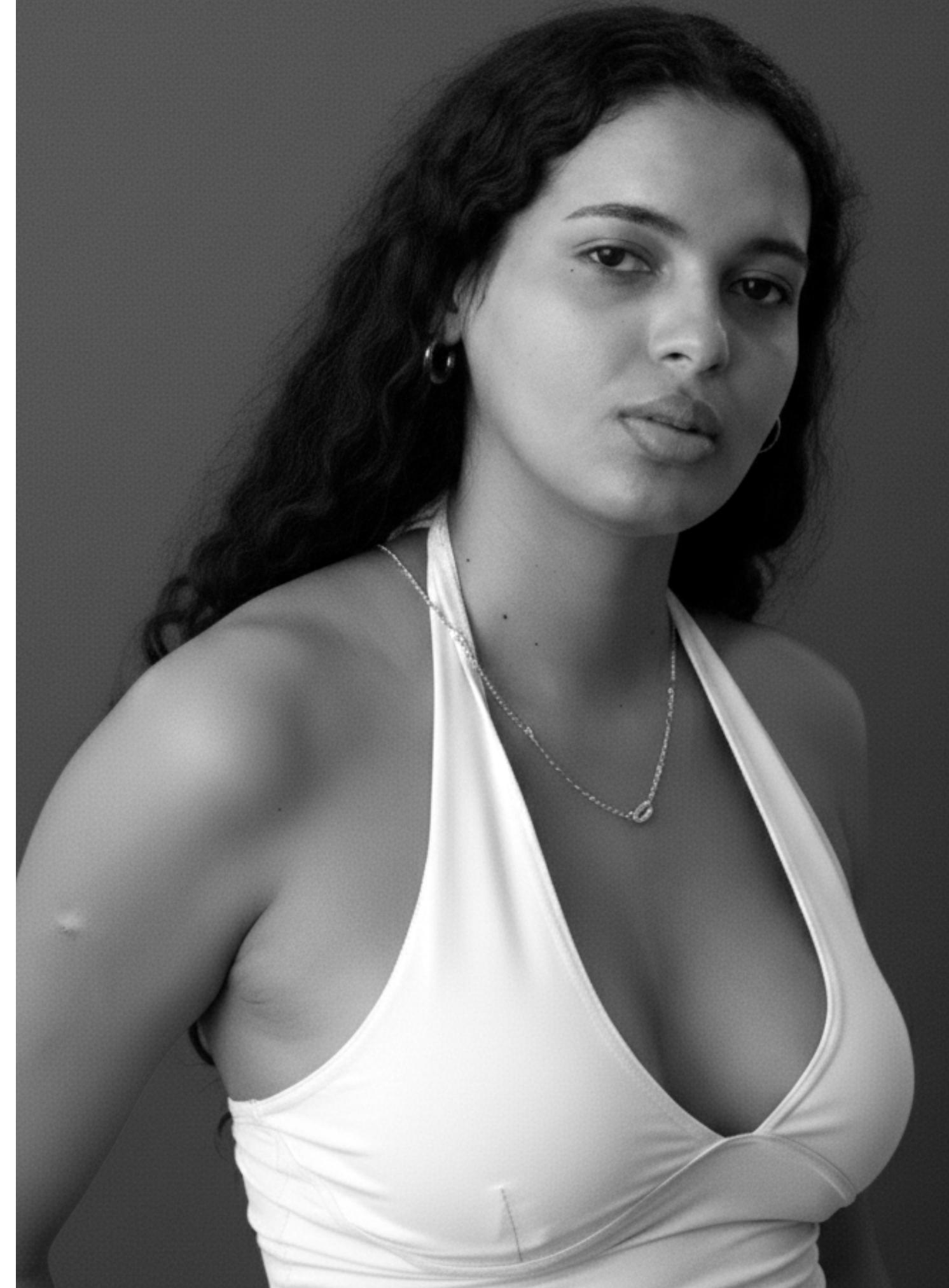
<https://guilherminaaugsti.com/>



# SOBRE

**Guilhermina Augusti** é estudante de filosofia e artista plástica, desenvolve trabalhos que discutem questões do "corpo" sob a perspectiva crítica da "diferença", integrados ao universo filosófico e estético Adinkra, signos afro-brasileiros, geometrizações, hibridismos, recontextualizações históricas e fabulações em busca da eclosão da racialidade. Tais questões são traduzidas em serigrafias, bandeiras e escrita.

Foi uma das indicadas ao **Prêmio Pipa** (2023), selecionada para o **8.º Prêmio Artes Tomie Ohtake** edição Mulheres (2022) e premiada com a **medalha da ordem do mérito cultural carioca pela Prefeitura do Rio de Janeiro**. Participou de exposições coletivas e individuais em importantes espaços de arte nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, tais como: 31.º Programa de Exposições (2021) no Centro Cultural São Paulo, ÀMÍ: signos ancestrais (2023) no SESC-RIO, "O nome que damos às coisas" (Elã - 2019) no Galpão Bela-maré e "Um defeito de Cor" (2022) no Museu de Arte do Rio. Por fim, foi a quinta artista a hastear uma bandeira no Museu de Arte do Rio, durante o primeiro semestre do ano de 2022.







Escala 1:  
Atravecar Escurecer, 2022,  
Bandeira,  
75x100cm  
Impressão em Oxford

900,00

Escala 2:  
Atravecar Escurecer, 2022,  
Bandeira,  
45x30cm  
Impressão em Oxford

400,00

A bandeira emerge da necessidade em se pensar e sedimentar outros rumos para as vidas negras e atravessadas neste mundo gerido pela colonialidade. Enquanto objeto perfurante afeiçoadão ao corte, a flecha abre caminhos ao atravessar com desmedida velocidade tudo àquilo que se impõe obstáculo em seu percurso errante; enquanto seta, aponta para a infinidade de possibilidades existentes de ser e estar no mundo que não sejam aquelas impostas pela maquinaria colonial. Nesse movimento robusto, propiciado pelo exercício de imaginações radicalmente desviantes ao complexo colonial, o que se busca num primeiro momento é a derrubada do mundo como tal e de suas tentativas de auto preservação e reprodução; aqui a noção de "quebra" serve enquanto definidora desta ação. Já em um segundo momento, coloca-se em prática a ideia de "fuga", a mesma que assegurou, desde o advento do mundo moderno colonial, a preservação de vidas, práticas, organismos e epistemologias dos sujeitos lançados ao abismo.

A quebra é caracterizada pelo desejo bélico de destruição e a consequente eclosão de algo por vir: um outro mundo, erguido contra os anseios totalitários e mortíferos do mundo ocidental em todas as suas instâncias, plenamente consciente que tal mobilização só é possível pelo desligamento total com toda e qualquer marca deste "então mundo". Com a "fuga", propomos a abertura e difusão de rotas que nos permitam estabelecer esse "desligamento" impregnado as cartografias coloniais com passos sísmicos e calculados criando, em suas entranhas e fissuras, lugares nos quais as imaginações e imaginários fugitivos possam proliferar permanentemente. O trabalho em questão se apropria dos dispositivos fabulatórios desenvolvidos pelos teóricos do que tem sido chamado de "Pensamento negro radical" ou "Estudos radicais negros", para fornecer as bases epistemológicas e conceituais do projeto.

Me aproximo dos trabalhos desenvolvidos por artistas negros brasileiros como Rubem Valentim, Abdias do Nascimento, Yedamaria e Emanoel Araújo, nomes importantes para se pensar procedimentos de fuga em prática no campo das artes.

Ao fazer isso, "A flecha", objeto marcadamente geométrico, questiona, assim como alguns desses artistas fizeram, o racionalismo europeu importado por artistas concretos e abstratos a partir da segunda metade do século passado no Brasil. Com Rubem Valentim, a abstração geométrica toma outro lugar ao resgatar marcas, signos e símbolos do imaginário religioso afro-brasileiro. Para o artista, a geometria se torna um meio e não um fim em si, a rigidez do "racionalismo" preconizado pelos concretistas ofereciam os instrumentos práticos para construção de sua poética, entretanto, uma racionalidade que pretende se desligar do mundo e dos aspectos sensíveis da vida humana não pode dar conta da gama de referentes que suas pinturas carregam.

Contra as "formas e cores e puras", o trabalho desses artistas estabelecem novos paradigmas para se pensar a abstração nas artes brasileiras e ao mesmo tempo nos colocam em diálogo com um projeto radical que busca questionar as políticas de representação e os discursos generalizantes e essencialistas que buscam alocar a produção e o artista "negro". Reivindico as cores e formas de Valentim, Abdias e Yedamaria, como dispositivos conceituais de extrema importância para a obra em questão. Fugir desse mundo implica em não cair nas armadilhas que este criou e continua a criar na tentativa de aprisionar a poética de artistas negros e racializados. É ir contra toda tentativa de captura implementada pelo sistema de arte e tornar-se "não mapeável" como aponta Juliano Gadelha, fazendo com que toda rota de fuga seja reconhecida apenas por um outro sujeito fugitivo.



O nome da mostra - "ÀMÌ" - vem da língua yorubá e significa "símbolo". Ela era falada pelo povo de mesmo nome escravizado e comercializado na Costa dos Escravos e trazido ao Brasil na diáspora africana no século XIX. Antes residente abaixo do deserto do Saara, o povo nagô, como ficou conhecido no Brasil, possuía uma riqueza de ritos, cultos e pensamento matemático que acabaram sendo incorporados ao Brasil como parte da cultura nacional.

"Estimulados pela obra de Emanoel Araújo, constante da Coleção Arte Sesc, percebemos um jogo dual que o grande artista nos propunha. Por um lado, a geometrização abstrata, formal; por outro, cores que se relacionam aos cultos afro-brasileiros. Decidimos, então, seguir esta rota, perguntar ao presente sobre o legado deixado por Araújo nas criações mais recentes", explica o curador Marcelo Campos, fazendo referência aos artistas convidados, Guilhermina Augusti e Raphael Cruz, nomes da nova geração cujos trabalhos dialogam em significado com a obra de Emanoel.

Curadoria: Marcelo Campos

A exposição tem previsão de encerramento em dezembro de 2024, com isso, a entrega dos trabalhos correspondente a mostra só será possível após sua finalização.

# ÀMÌ: Signos Ancestrais



Noite eterna 02, 2023.  
Serigrafia e Pintura,  
40x60 - moldura em madeira preta 3cm

Valor: 4.000  
Disponível



**Madame Satã em Escuro Indizível, 2023.**  
Serigrafia e Pintura,  
40x60 - moldura em madeira preta 3cm

Valor: 4.000  
Disponível



**Yêdamaria em Escuro Indizível, 2023.**  
Serigrafia e Pintura,  
40x60 - moldura em madeira preta 3cm

Valor: 4.000  
Disponível



**Arthur Bispo do Rosário em Escuro Indizível, 2023.**  
Serigrafia e Pintura,  
40x60 - moldura em madeira preta 3cm

Valor: 4.000  
Disponível



**Hilária Batista de Almeida em Escuro Indizível, 2023.**  
Serigrafia e Pintura,  
40x60 - moldura em madeira preta 3cm

Valor: 4.000  
Disponível



# ATOS | SIMBOLOGIAS

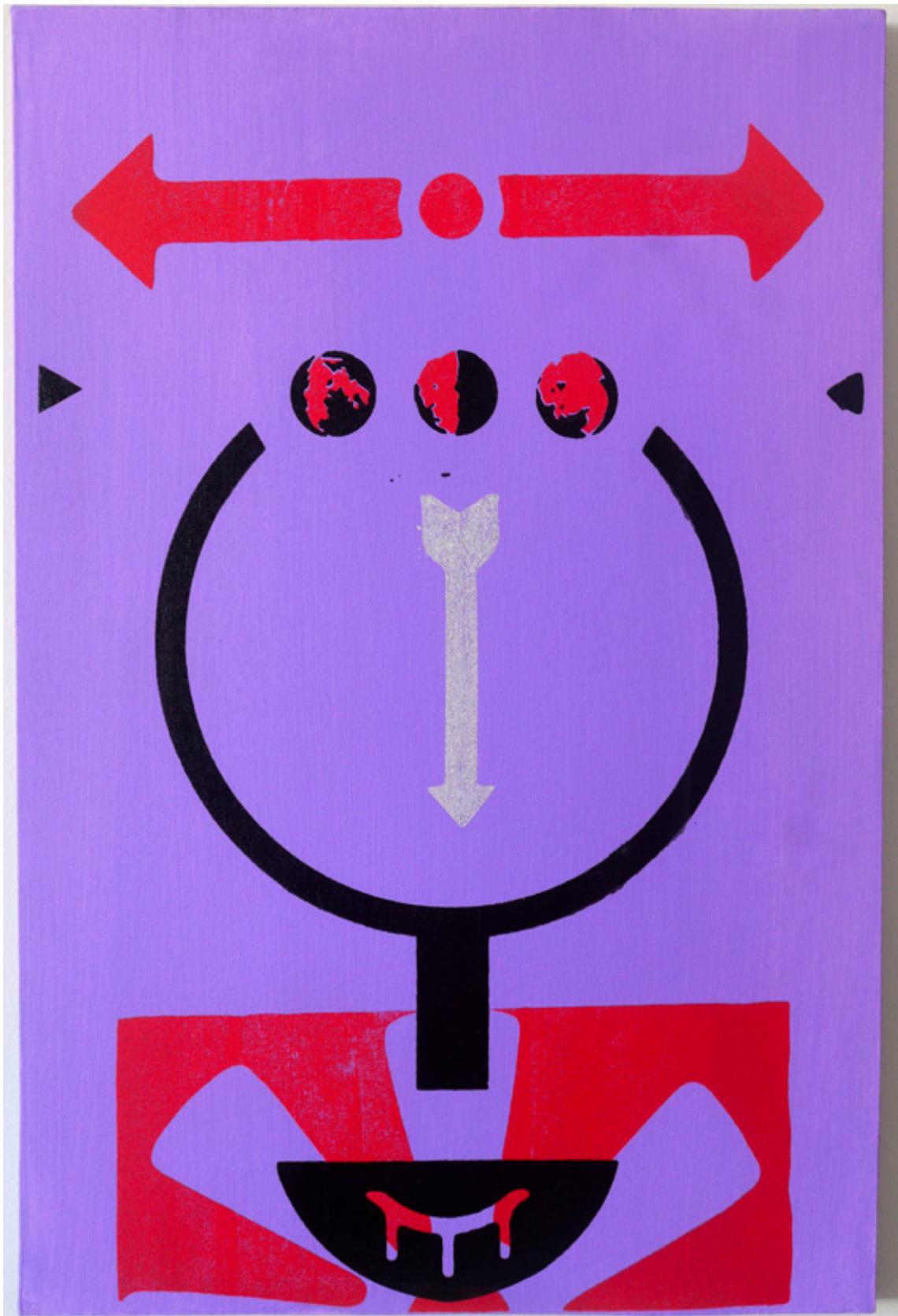
Atos/Simbologias foi a primeira mostra individual da artista Guilhermina Augusti e traz, além de obras conhecidas como a bandeira "Atravecar/ Escurecer", hasteada durante seis meses no museu de arte do rio em 2022, sua primeira série de serigrafias. Dividida em três eixos conceituais, habitar a cidade, habitar a lua e eclosão, as obras apresentam a investigação que a artista realiza em torno da simbologia e signos presentes nas religiões afro-brasileiras e em outras culturas africanas, como os símbolos Adinkras dos povos Ashanti que habitaram o território hoje conhecido como Gana na África ocidental.

O contato com essa simbologia se deu, em algum grau, através do trabalho de Rubem Valentim, Abdias Nascimento e Yêdamaria, nomes com os quais Guilhermina tem dialogado frontalmente, coletando formas e cores que fazem parte da pesquisa desses artistas. Nessa exposição, impera a obsessão da artista em construir estratégias de exceder criticamente os limites impostos pelas categorias de raça, sexo e gênero, refletindo como essas construções atentam severamente contra seu corpo e sua prática. Permeada pelo desejo de habitar, fazer do cosmos morada, a artista reivindica a lua enquanto esse ambiente possível para que as vidas negras e atravecadas possam existir em conformidade com seus desejos, distantes da miséria e da penúria que assolam o agora. O seu assentamento na lua configura a tentativa de não sucumbir aos ditames de um realismo que se apresenta como fixo e imutável empurrando esses corpos ao desaparecimento.

Diz ainda, sobre a necessidade de criar ambientes em que artistas negros, trans e indígenas sejam capazes de experimentar radicalmente em seus trabalhos sem ceder as investidas do sistema da arte em sua missão predatória.

Curadoria: Caique Cavalcante





**Escuro Luar n3, 2023**  
Serigrafia,  
40x60

Valor: 3.000,00  
Disponível



**Noite 01, 2023**  
Serigrafia,  
40x60

Valor: 3.000,00  
Disponível



**Escuro Luar n1, 2023**  
Serigrafia,  
40x60

Valor: 3.000,00  
Disponível



**Escuro Luar n2, 2023**  
Serigrafia,  
40x60

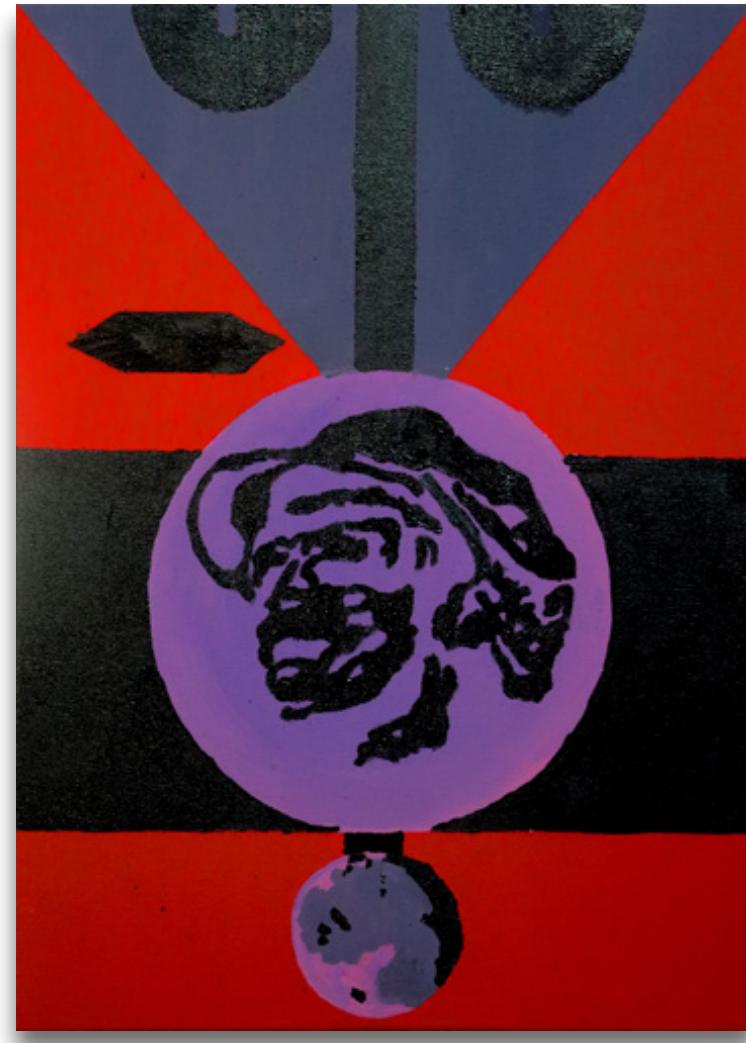
Valor: 3.000,00  
Disponível

# SIGNO SIMBOLOGIA

O conjunto de obras em serigrafia que fazem parte da série "Atos | Simbologias", na qual utilize de signos da astronomia, experimentando fronteiras entre os objetos "externos á nós" em diálogo com a Terra, sendo esses objetos as fases da lua, especificamente a fase minguante e crescente, associado à simbologia Adinkra originária dos povos Asantes, que ocupou o território hoje conhecido como gana na região ocidental da África, para construção de um discurso questionador acerca das imposições, limites e pressupostos estabelecidos pelo enclausuramento da raça, nos termos postulados por W. B Dubois.

Nesse sentido, a ideia é buscar caminhos que possam desarticular as determinações da categoria raça, compreendida aqui enquanto um dos mitos fundadores da modernidade ocidental, estabelecendo um diálogo aproximado com outras cosmologias que nos oferecem métodos e ferramentas para o enfrentando dos dilemas raciais.

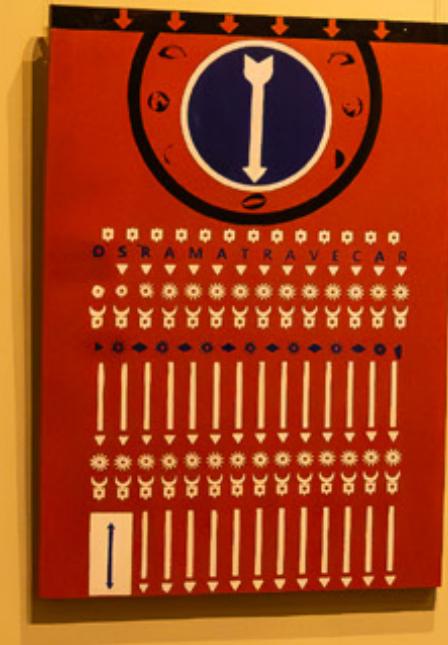
Raça é uma invenção poderosa capaz de marcar, violar e cindir um sujeito, neste trabalho exploro as possibilidades para sua eclosão. As obras em serigrafia vinculam o signo da "lua", com símbolos de uma espiritualidade negra, assim como também com os adinkras, nessa concepção geométrica de formas e cores que repensam não apenas diálogos e confrontos com a própria história da arte, vinculadas a artistas que seguiram caminhos semelhantes como Emanoel Araújo, Abdias Nascimento, Yêdamaria e Rubem Valentim



### Série Rotas Negras

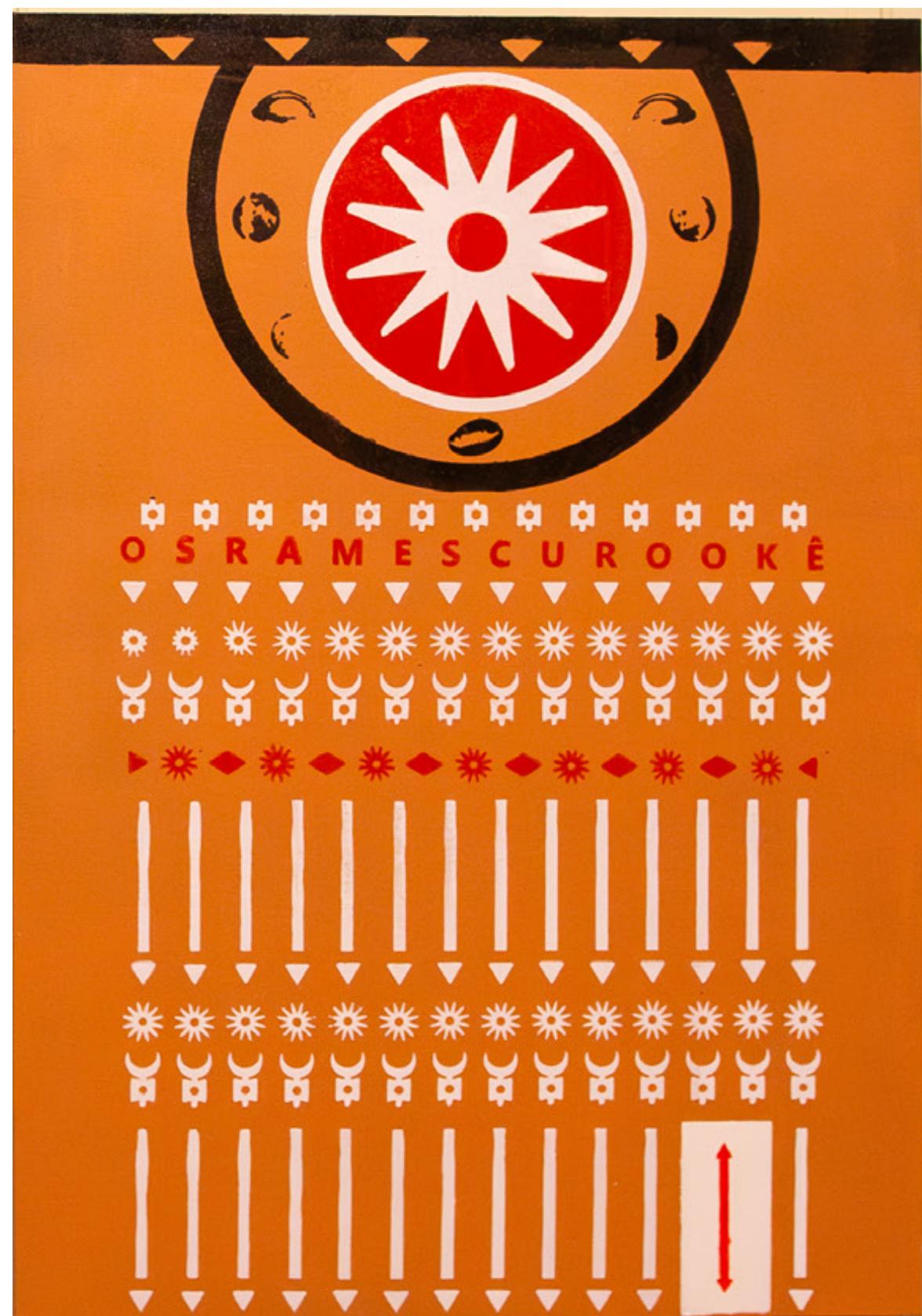
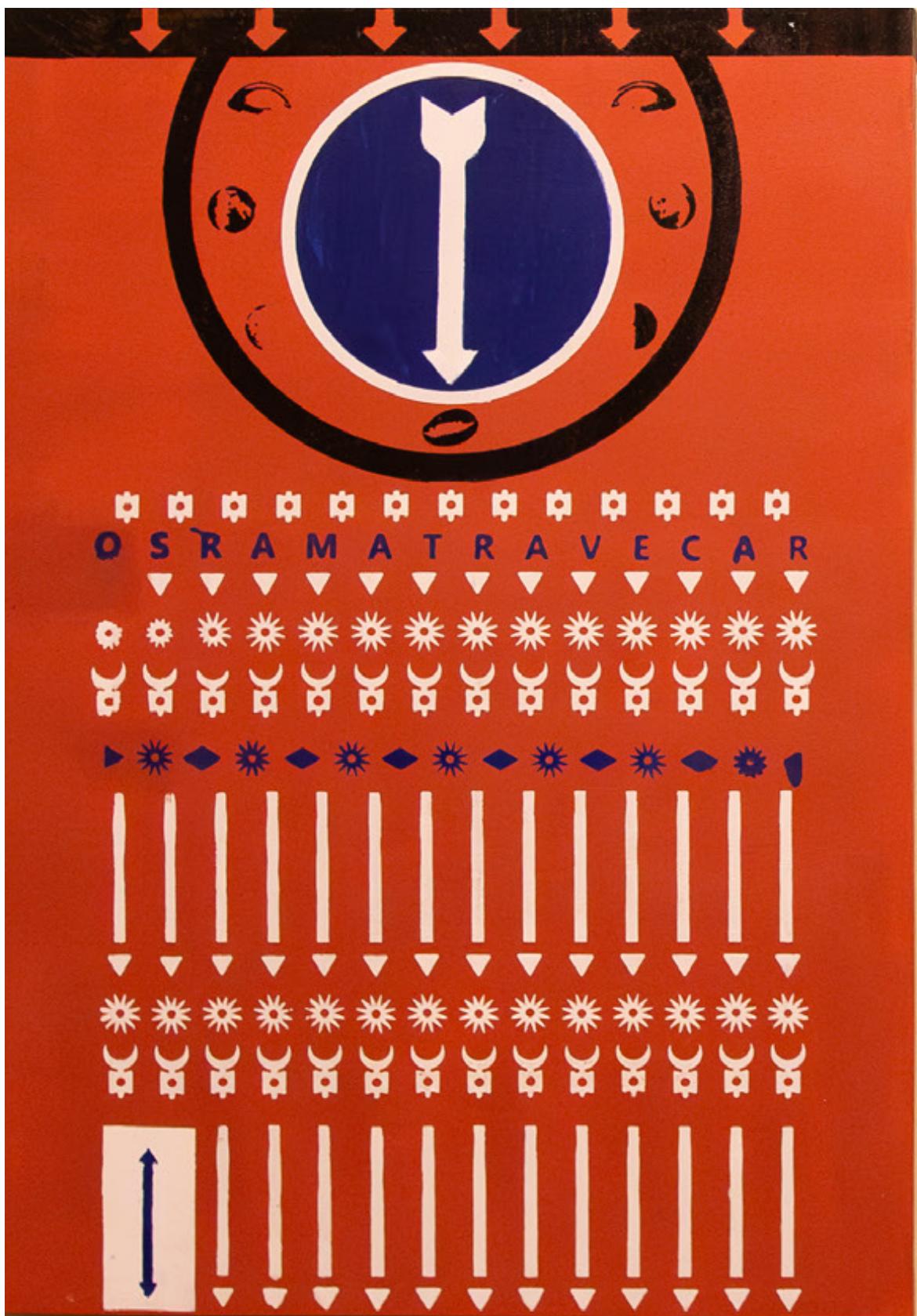
Tinta acrílica sobre tela,  
Estamira, 2022, Pintura, 30x40.  
Lacraia, 2022, Pintura, 30x40.  
Stella do Patrocínio, 2022, Pintura,  
30x40.  
Tríptico

Valor: 3.000  
Disponível



POÉTICAS DO AGORA• Mostra Edital Casa Europa apresenta um recorte atual da nova produção visual em desenvolvimento em diferentes áreas do estado, trazendo uma pluralidade de visões e expressões oriundas de diferentes setores sociais que nos constituem. Não tendo a pretensão de abarcar a totalidade das manifestações artísticas contemporâneas da região, esse recorte, entretanto, contempla aspectos novos da produção de arte que surgem e se desenvolvem em diferentes setores socioculturais: artistas que se dedicam a questões intrínsecas às favelas e periferias sociais, outros às questões de gênero, outros ainda a questões formais relativas ao universo da arte, discutindo linguagem e forma.

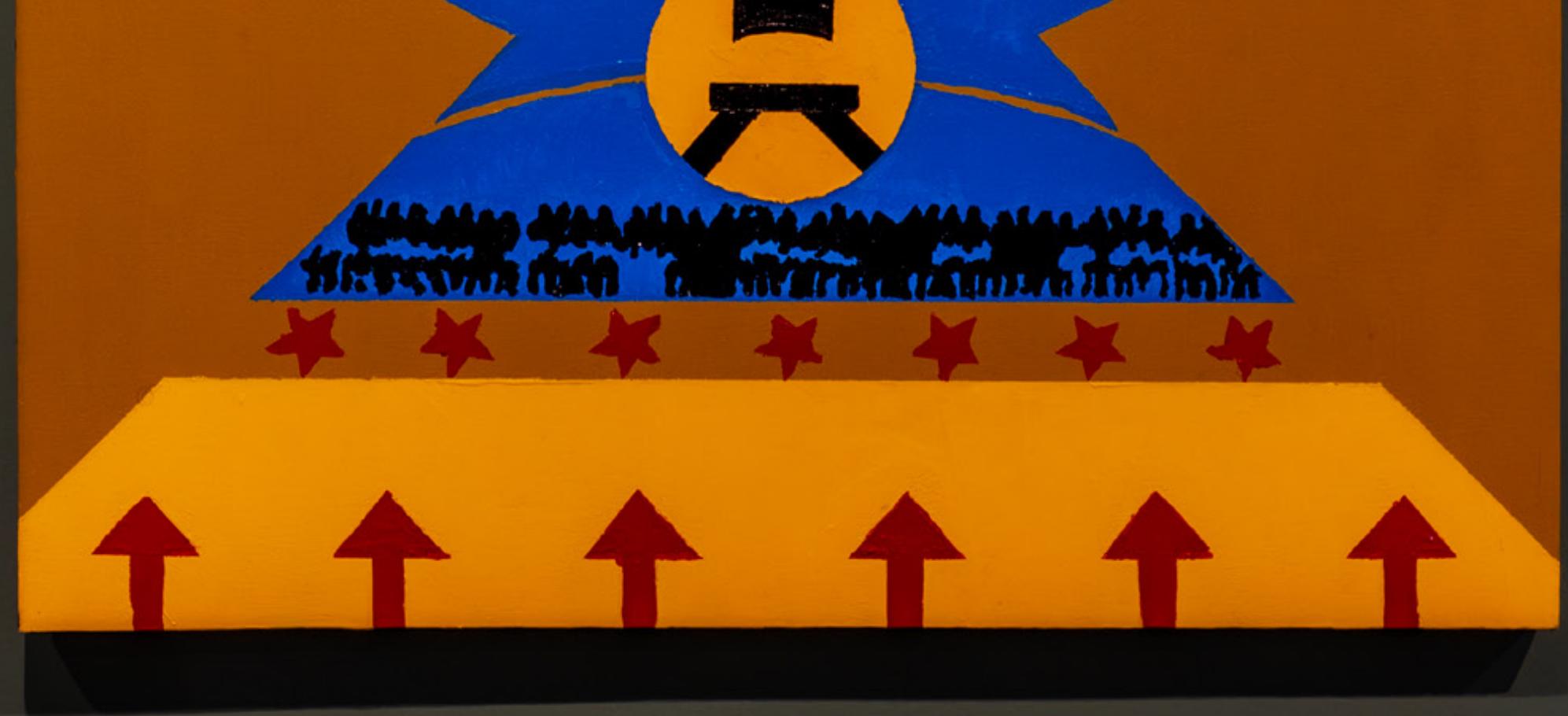
# Poéticas do Agora



**Escritura 01, 2024; Escritura 02, 2024;**  
Pintura e Serigrafia sobre tela  
70x100cm

Valor cada: 6.500,00  
Disponível







**Noite Eterna, 2024;**  
Pintura sobre tela  
70x100cm

Valor: 8.000,00  
Disponível











**Aqualtune em Escuro Indizível, 2024;**  
Pintura sobre tela  
70x100cm

Valor: 8.000,00  
Disponível

## **Exposições:**

---

### **2025**

Territórios Diluídos – Diáspora Galeria

TROMBA D'ÁGUA – Museu do Amanhã

Abolicionistas Brasileiras – MAMAM – RECIFE

Afro-brasilidade – FGV ARTE

Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira – MUNCAB – Museu Nacional da Cultura Afro-brasileira

### **2024**

100 anos da Colônia Juliano Moreira: arquivos, territórios e imaginários

TROMBA D'ÁGUA – SESC são gonçalo

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO-BRASILEIRA – CCBSP & CCBH & CCBRJ

UM DEFEITO DE COR – SESC PINHEIROS

ABOLICIONISTAS BRASILEIRAS – Museu de Arte do Rio

Sobre Nós – 60 anos de resistência democrática no Brasil – Instituto VLADMIR HERZOG

POÉTICAS DO AGORA – CCJF/ GOETHE

ÀMÌ: SIGNOS ANCESTRAIS – SESC BARRA MANSA

### **2023**

4º Geração Construtiva – FGV-Arte

MULHERES QUE MUDARAM 200 ANOS – CAIXA CULTURAL

UM DEFEITO DE COR – museu de arte do rio

ÀMÌ: SIGNOS ANCESTRAIS – SESC RIO

Transbordar em si – ATELIÊ 31

### **2022**

8º PREMIO INSTITUTO TOMIEH OHTAKE

Brasil em Cartaz/Brasil em Catarse, Centro de Artes UFF

misturas – galpão bela maré

### **2021/2020/2019**

Mita, Museu da Diversidade Sexual de São Paulo.

A mostra GATILHOS – Narrativas Visuais na Pandemia.

ARREBATRÁ, Hélio Oiticica, 2019.

O nome que a gente dá as coisas, ELÃ, Galpão Bela Maré.

# INFORMES

## **Geral:**

Para aquisição, entre em contato com: **monolitoplataforma@gmail.com**, informando no assunto "Aquisição obra Guilhermina" ou DM @guilherminaaugusti.

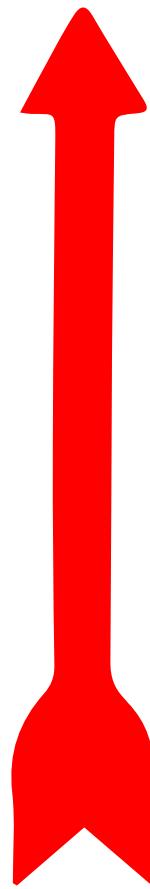
## **Informes sobre valores:**

\* Aceitamos compras no valor de crédito, ou parcelado, sendo o valor pago em pix inteiramente com uma parcela de desconto.

## **Outros informes:**

- \* A entrega da obra é realizada após quitação total.
- \* O envio e o valor do frete são acordados com a pessoa compradora.
- \* A pessoa compradora recebe um certificado de autenticidade físico e virtual de obra em seu nome.

# OBRIGADA



<https://guilherminaaugusti.com/>